



HOJE EU VOU PRA LÁ NOVO HAMBURGO: PERTENCIMENTOS E TERRITORIALIDADES¹

Deise Andréia Enzweiler²

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que nossos olhos podem dar,
E tornam-nos pobres porque nossa única riqueza é ver.
(Alberto Caeiro)

RESUMO

Esta Pesquisa caracteriza-se enquanto um Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS. Suas problematizações se constituíram no estágio curricular obrigatório do referido Curso, realizado numa escola pública da rede municipal de Novo Hamburgo, na qual a autora iniciou um trabalho de reflexão e ressignificação sobre o bairro e a cidade com o seu grupo de alunos. Assim, tem-se como objetivo, a partir desta Pesquisa, discutir as relações de pertencimentos e estranhamentos de uma comunidade escolar com seu respectivo bairro e cidade a partir de problematizações acerca do ensino da história local. Para este estudo, foi tomado o Bairro Roselândia, na condição de território da cidade de Novo Hamburgo-RS, como fonte de um Estudo de Caso que visa analisar e compreender como uma determinada comunidade escolar estabelece relações com o seu bairro e sua cidade. Como ferramentas de análise, foram utilizadas observações e percepções da autora enquanto professora nesta comunidade escolar; questionários individuais com os alunos; produções textuais e gráficos coletivos sobre o lugar em que moram, bem como recortes da história local a partir de relatos orais e documentos não-oficiais. A história local, nas circunstâncias desta realidade, deve constantemente voltar-se às formas pelas quais os alunos estabelecem relações de pertencer e estranhar o seu espaço-tempo, buscando incessantemente impregnar estas construções de sentido. Desta forma, esta Pesquisa apresenta-se enquanto uma proposta de ensino de História nas Séries Iniciais que visa “borrar” concepções “curricularmente” dominantes, utilizando-se do conceito de História Local, bem como suas implicações num ensino que, de fato, ressignifique a espaço-temporalidade daqueles aos quais está destinado.

Palavras-chave: Estranhamento. Pertencimento. Ensino de História nas Séries Iniciais.

¹ Este Artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de sua autora, realizado em 2011, sob orientação do Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira, disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32046>>.

² Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo. E-mail: deiseandrea@gmail.com.

INTRODUÇÃO

“Hoje eu vou lá pra Novo Hamburgo”, o título que inicia as linhas deste artigo, não significa o que aparentemente parece significar. Esta frase, que parece dizer que alguém está indo a Novo Hamburgo, é o *parimento* de dois longos trabalhos da autora: o estágio curricular do Curso de Pedagogia (2010/2) e o Trabalho de Conclusão de Graduação em Pedagogia (2011/2). O título do presente artigo não foi naturalmente produtor de pensamentos, de perguntas, de questionamentos: a autora só pode ouvi-la por estar devidamente aparelhada a ouvi-la. “Teoria é pré-conceito” (SILVA, 2010, p.16), ou seja, a autora já se encontrava de tal forma mergulhada em determinadas concepções teóricas, que ao escutar seus alunos e alunas pronunciarem tal frase ao se referirem ao centro da cidade, desconsiderando-se como próprios moradores de Novo Hamburgo apesar do pertencimento territorial que seu respectivo bairro tem em relação à cidade, lhe ocorreu que tais falas deveriam caracterizar o trabalho pedagógico com este grupo de alunos.

O maior objetivo, então, nos entrelaçamentos das partes deste planejamento³, ancorou-se numa concepção da professora: a sua parte cheia, *aquilo que lhe fazia sentido*, caracterizou-se pela incessante construção e reconstrução dos conceitos de pertencimento e estranhamento de seus alunos, pois não haveria, assim, a possibilidade de ocorrer uma aprendizagem que fizesse e que produzisse sentido para os alunos sem que eles próprios conceitualizassem e reconhecessem tais idéias no seu mundo, no seu espaço e no seu tempo. A produção de sentido para a professora significava, então, *re-conceitualizar* com o seu grupo de alunos as suas respectivas concepções: fazer aquilo que pulsava na professora, pulsar também em seus alunos.

DESENVOLVIMENTO

Anterior ao como, ao onde e ao porquê, surge um estranhamento. O estranhamento é um ato de intimidação com o que nos é familiar, é um sentir-se momentaneamente estranho num espaço que poderia se julgar familiar. É um sentimento de estrangeirismo, de não pertencimento. Quando saímos de uma posição familiar, de uma situação onde estamos

³ Ver conceitos de planejamento: JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. *Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil*. (Referências Bibliográficas).



histórico-geograficamente pertencidos, de um lugar onde tudo nos soa natural, para uma condição de deslocamento, de não-reconhecimento, de nudez, é preciso se perguntar o porquê.

Por que algo nos perturba nesta posição?

Para compreender os porquês de um estranhamento, “O sujeito deve sair de si mesmo para tentar ver com as lentes dos outros.” (SILVA, 2010, p.39). Talvez, ver com as lentes de muitos outros. E da mesma forma, ver com as lentes dos outros é, também, não ver. Qualquer ato de ver é ambíguo, é uma forma de se *enxergar e não-enxergar assim*, em lugar de *outras formas de se enxergar e não enxergar assim*: o estranhamento deste Artigo é um exercício de *enxergamento e não-enxergamento* das relações de pertencimento e estranhamento de uma comunidade escolar com o seu lugar.

CENÁRIOS E FRAGMENTOS DA PESQUISA

Os cenários que geraram estas observações, e que, posteriormente, dariam origem a esta Pesquisa, localizam-se numa Escola Pública da Rede de Ensino Municipal da cidade Novo Hamburgo; localizam-se, também, nas especificidades e circunstâncias do bairro Roselândia, localizado ao norte da cidade; localizam-se, enfim, nas realidades culturais, histórico-geográficas, sociais, econômicas do município de Novo Hamburgo, situado na região do Vale do Rio dos Sinos, pertencente, ainda, à área denominada enquanto Grande Porto Alegre.

Dito isto, é necessário que se pontuem os fragmentos constituidores: segundo Junqueira (2005) “é na relação entre o sujeito e o mundo que se produz o sentido, aquilo que é significativo.” (p.27). Assim, percebeu-se que existia, para este determinado grupo de alunos, circunscrito nesta delimitação, diferentes relações de significado e sentido atribuídos, especificamente, ao seu espaço e ao seu lugar. Os alunos, em diferentes conversas de hora do lanche, em produções textuais e discussões de sala de aula, por exemplo, mostravam-se confusos sobre os seus pertencimentos espaciais: apesar de serem moradores da cidade de Novo Hamburgo e do bairro Roselândia (e oficialmente pertencerem a tais espaços), tanto os pais quanto os alunos se referiam, por exemplo, ao território “bairro Centro” enquanto “Novo Hamburgo”, pois ao dizerem “Hoje eu vou lá pra Novo Hamburgo”, se referiam não à cidade (uma vez que já se encontravam na mesma por estarem em Novo Hamburgo, por estarem no



bairro Roselândia), mas aos espaços onde realizam compras, ao Shopping, à Rodoviária, aos bancos.

Dentro do próprio espaço “bairro Roselândia”, considerava-se como “Roselândia” apenas a parte central do bairro, onde estão localizados o Posto de Saúde, a maioria dos mercados, as lojas de roupas e afins. Os demais espaços do bairro são denominados segundo os nomes de seus loteamentos (por exemplo, Colina, Vila Esperança, Palmares). Ou seja, não existe um reconhecimento dos loteamentos enquanto território, também, do bairro Roselândia, uma vez que a identificação ocorre apenas com o seu respectivo loteamento. Estas percepções também partiram de falas dos alunos que, constantemente, se referiam a esta parte central dizendo: “Hoje eu fui pra Roselândia” ou “Hoje eu vim da Roselândia”, apesar de estarem no território “oficial” do bairro.

Este Artigo visa, assim, dentre outros objetivos, perguntar e entender *o porquê*: emaranhar-se nos sentidos e significados destes “pertencimentos inventados”, buscando compreendê-los pelo 4 começo, desmembrando-lhes os poréns e os porquês, não atribuindo a estas conceitualizações um caráter salvacionista, como se os modos “oficiais” de pertencimento ao bairro e à cidade, diferente dos modos de pertencimentos “inventados”, pudessem caracterizar um modo de pertencer “verdadeiro” ou “mais verdadeiro”. Não está se visando “ensinar um pertencimento verdadeiro”, mas, sim, entender os processos de invenção destes pertencimentos outros.

A MEMÓRIA, A HISTÓRIA E O PASSADO: A NARRATIVA HISTÓRICA

O pertencimento está intimamente ligado a ambas as idéias: memória e história. Pertencer é sentir-se contado. Entretanto, a memória e a história têm uma diferença crucial: os seus jeitos de permanecer acessíveis, as suas *formas de registro*. A história é o produto daquele que vasculhou um passado e o registrou. O historiador seleciona partes do passado e as conta, as escreve, as registra em livros, documentos, em aportes “oficiais”. Já a memória não será necessariamente registrada, anotada, escrita. As memórias de um grupo, de um espaço-tempo são orais ou, quando registradas, não-formais. São contadas e recontadas, desvinculada de qualquer preocupação acadêmica, “limpas” da cientificidade.

Apesar das aproximações que em dados momentos é possível fazer entre os conceitos de memória e história, se faz necessário distingui-las e assinalar os seus



distanciamentos. Pode-se começar esta delimitação pela utilização destes termos no plural: memórias e histórias. A autora não se propõe a relatar uma “verdadeira” história da cidade e do bairro, mas propositalmente se utiliza dos respectivos plurais para demonstrar, já na escolha destes vocábulos (e não de outros), uma postura pela qual se subentende que não há uma História, mas narrativas históricas que procuram dar conta de um fato, de um período, de uma especificidade. Estas narrativas históricas, estes recortes e apanhados são apreensões que podem se caracterizar a partir de diferentes leitores, de múltiplos “contadores”: grupos étnicos, sociais, individuais, coletivos, econômicos, culturais, entre outros. A história se faz nos jeitos e nos sujeitos pelos quais é falada, narrada, contada.

Já o passado é maior que a história, pois “[...] o passado já passou, e a história é o que os historiadores fazem com ele quando põe mãos à obra.” (JENKINS, 2007, p.25). A história, assim, “é um constructo lingüístico intertextual” (p.26), é uma apreensão do passado no presente, mergulhada em formas específicas de se ver e enxergar este recorte do passado. Contar a história de Novo Hamburgo e do bairro Roselândia é, desta forma, uma atitude de *capturar e não-capturar* determinados fatos da memória destes sujeitos a partir das intenções de quem os relata, de quem os apreende. Assim, a História é, sempre, um pedaço do passado propositalmente recortado de um jeito. A História é uma⁵ leitura apaixonada de algo que nos escapa. “[...] o mundo ou o passado sempre nos chegam como narrativas e [...] não podemos sair dessas narrativas para verificar se correspondem ao mundo ou ao passado reais, pois elas constituem a *realidade*.” (JENKINS, 2007, p.28). Ou seja, não há como escapar desta armadilha de se estar, sempre, mergulhado naquilo que falamos, criamos e escrevemos.

“A história contada pelo narrador entrelaça sua própria experiência com aquelas de quem ele recebeu a narração. O narrador não conta uma história *pura* em si mesma com ares de verdade. Por isto, quem conta uma história nesta perspectiva inicia com as circunstâncias de onde a conheceu. *Ouvi esta história enquanto passava por tal lugar, ou através de tal ou tal sujeito em tal ou tal circunstância.*” (MARQUES; PEREIRA, 2011, p.9).

O exercício de se contar, então, uma história do bairro Roselândia é uma narrativa. Uma possibilidade narrativa dentre várias: uma narrativa histórica mergulhada na experiência de quem a cria.

O TERRITÓRIO DO BAIRRO ROSELÂNDIA

Ao se tomar este território concreto do bairro, é possível perceber que este é localizado num espaço fronteiro, praticamente desvinculado da área da cidade de Novo Hamburgo: sua ligação à parte central da cidade é cortada, de um lado, pela BR 116⁴ e, no outro, pela RS 239⁵. Seus outros limites, em grande parte, já se dão com cidades vizinhas. Estas estradas, nestas circunstâncias, poderiam ser consideradas *desvinculadoras*, uma vez que estabelecem e impõem relações de distanciamento e estranhamento do espaço e das relações espaciais bairro-cidade e vice-versa. Elas operam um corte no pertencimento territorial do bairro Roselândia com a cidade de Novo Hamburgo, ao mesmo tempo em que distanciam as vidas, as histórias e circunstâncias locais na relação bairro-cidade. Estes seriam, então, *não-lugares*, pois segundo Callai (2000) “[...] um lugar apresenta como uma de suas características a linearidade da ocupação [...]. Ocorre que nem todos os espaços são exatamente ocupados” (p.121). Os lugares vazios, não-ocupados ou ausentes de conteúdo e significação são então denominados como *não lugares*. “[...] há vazios, concretamente falando, no sentido de espaços não ocupados, e há vazios no sentido de lugares que não interessam, que não têm significado para a vida das pessoas, onde não se delineiam experiências compartilhadas.” (p.21). Na análise dos pertencimentos e estranhamentos desta comunidade escolar em relação ao seu espaço, é possível encontrar duas categorias de *não-lugares*, amplamente relacionadas: as estradas, limitando o significado territorial-espacial de pertencimento, e as relações de pertencimento-estranhamento dos alunos com o seu lugar, caracterizado, em certos momentos, como um *não-lugar*.

As estradas BR-116 e RS-239, então, ao serem assim caracterizadas – como *não lugares* – são tomadas enquanto lugares que não possuem uma significação própria, no sentido de não produzirem e manifestarem memórias. São espaços vazios, utilitários. É possível que lhes sejam atribuídas características físicas, ou que sejam realizadas leituras espaciais, mas não há produção de memória porque lhes faltam quem as produza, uma vez que não existe ocupação humana e, conseqüentemente, ligações afetivas. “Os não lugares são espaços vazios de conteúdo, sem história. São neutros, são transitórios, em geral, de uma arquitetura de desnudamento.” (CALLAI, 2000, p.121). Os não-lugares são desconexos e

⁴ Rodovia Federal. Ao longo do Trabalho, será denominada de estrada

⁵ Rodovia Estadual. Ao longo do Trabalho, será denominada de estrada.

faltados de vida. E as estradas, uma vez assim caracterizadas, operam como um corte no pertencimento territorial do bairro Roselândia com a cidade de Novo Hamburgo.

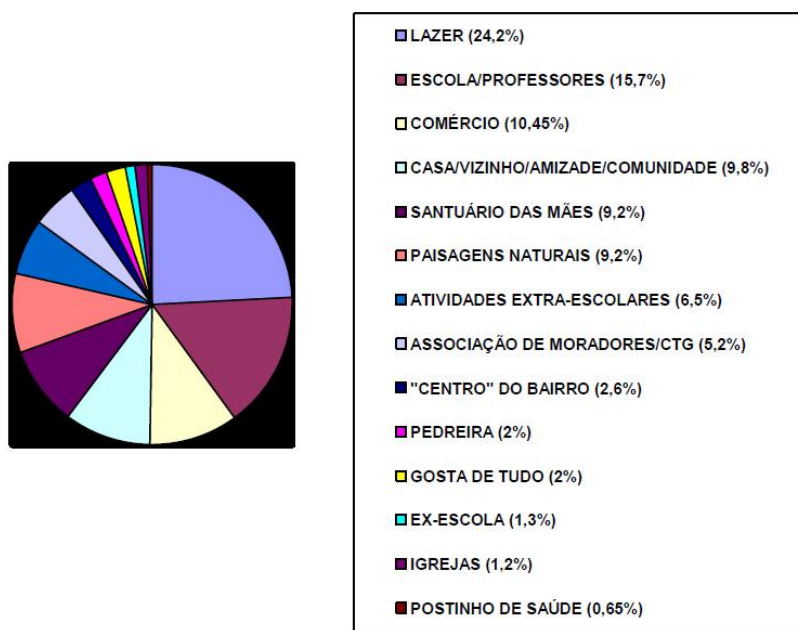


Figura 1 – Gráfico: *O que você mais gosta no seu bairro?*

PERTENCIMENTOS E ESTRANHAMENTOS

Há também os *lugares* e *não lugares* específicos dos alunos. Apesar do lugar “bairro Roselândia” se encontrar territorialmente ocupado, não-vazio, o *não lugar* aqui se caracteriza justamente pela ausência de relações afetivas, pela não atribuição de significados às categorias “Roselândia” e “Novo Hamburgo”, por exemplo. Já o *lugar*, aquele em relação ao qual existe uma rede de significados, em muitos momentos não se caracteriza enquanto o bairro Roselândia, mas sim em micro-territórios dentro do bairro (vilas e loteamentos). Estas categorias - *lugar* e *não lugar* - podem ser analisadas enquanto o que opera e o que não opera pertencimentos em relação a: o *lugar*, enquanto aquilo que produz sentidos, que produz pertencimentos; o *não lugar*, enquanto aquilo que não produz sentidos, que produz estranhamentos. E para esta análise, são utilizados gráficos construídos a partir de questionário⁶ realizado com as turmas de 5º e 6º anos. Estas apreensões da figura 1 – lazer,

⁶ O questionário foi realizado com as turmas de 5º e 6º anos da escola, totalizando 141 participantes. Cada questionário possuía quatro perguntas sobre o bairro. Neste Artigo, são apresentados apenas dois dos quatro gráficos resultantes desta atividade.

escola, amizades no círculo de vizinhos, comércio local, dentre outros – é o que se pode caracterizar enquanto o pertencer destes alunos. Aquilo que gostam é o que legitima este espaço enquanto o seu lugar, aquilo ao qual pertencem no sentido de estabelecerem vínculos e atribuírem significações. Independente de considerarem-se moradores da cidade de Novo Hamburgo, do bairro Roselândia ou de qualquer um dos loteamentos ou vilas, o lugar destes alunos possui, sim, significações. Estas significações, dentro do emaranhado de pertencimentos e estranhamentos, dos lugares e não lugares, estão inseridas em lógicas de vida e modos de viver que lhes são próprios e que, independente de estarem de acordo com uma versão oficial de se pertencer à cidade de Novo Hamburgo ou ao bairro Roselândia, possuem jeitos peculiares e histórias únicas que lhes proporcionaram estes sentidos. Mesmo que às categorias “bairro Roselândia” e “cidade Novo Hamburgo” não sejam atribuídas significações, por não serem reconhecidas como tal, as significações existem e relacionam-se a outros espaços localizados dentro e entre estes territórios “oficiais”.

O segundo gráfico trata os pontos negativos a respeito do espaço dos alunos:

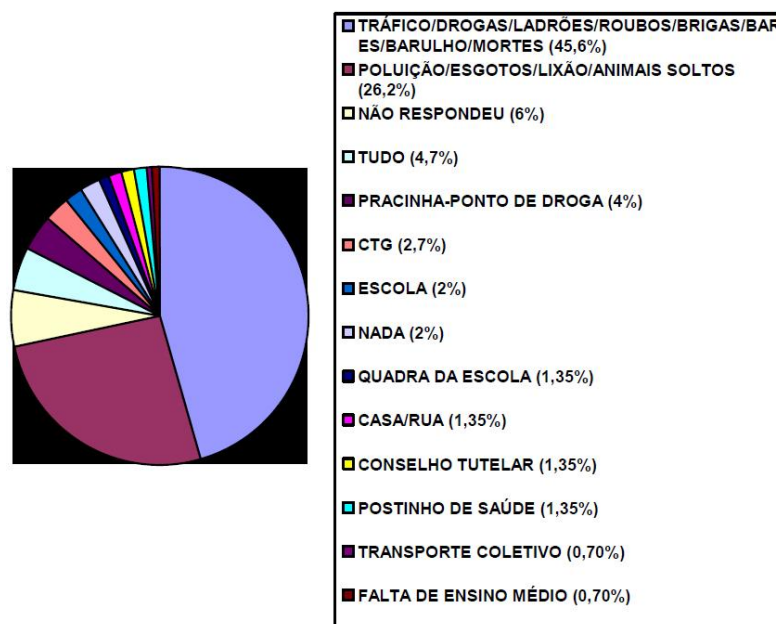


Fig. 2 – Gráfico: O que você menos gosta no seu bairro?

Ao responderem o que menos gostam no seu bairro, seja ele considerado “Roselândia” ou qualquer vila ou loteamento, os alunos expõem aquilo que não lhes toca, que não é significativo no seu espaço. O que “menos gostam” em seu espaço é o que pode ser caracterizado enquanto o que produz distanciamento, que transforma o espaço em *não lugar*. Ao definirem o que não gostam no seu espaço local, os alunos afirmam o que lhes causa

estrangeirismo. O que não se gosta num espaço-tempo é aquilo que causa o estranhamento por ser o avesso daquilo que é próximo e repleto de sentidos. Se algo no espaço escapa às categorias do que faz pertencer a este espaço, é porque causa um estranhamento. Por isso, torna o espaço o lugar um *não lugar*, uma vez que se esvazia daquilo que produzia significações ou que, simplesmente, não as produz.

Um último apontamento que se faz necessário é a *transitoriedade* do espaço do bairro Roselândia, a partir da observação de um gráfico realizado com uma turma de 1º ano:

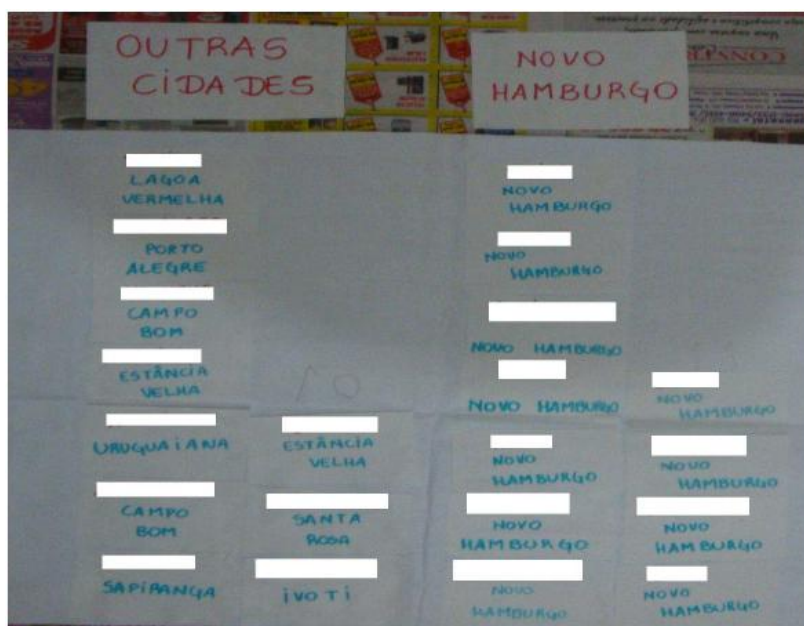


Fig. 3 – Gráfico do 1º ano: *Em que cidade você nasceu?*

A partir da análise deste gráfico, é possível verificar que de 21 (vinte e um) participantes, 10 (dez) nasceram em outras cidades, enquanto 11 (onze) nasceram em Novo Hamburgo. Ou seja, praticamente metade dos alunos da turma que deu origem ao gráfico não nasceu em Novo Hamburgo. Também é possível perceber que dentre as outras cidades, não há um região do Estado⁷, por exemplo, que apareça com mais frequência, pois as origens dos alunos são as mais distintas: há cidades mais próximas de Novo Hamburgo, ainda localizadas no Vale do Rio dos Sinos, como Estância Velha, Campo Bom ou Ivoiti; assim como aparecem cidades mais distantes, como Santa Rosa, Uruguaiana e Lagoa Vermelha.

⁷ Considerando que na categoria “outras cidades” aparecem somente cidades do Rio Grande do Sul, a palavra *Estado* se refere somente a ele.

Assim, é possível caracterizar o bairro Roselândia - além de um espaço fronteiriço, no sentido de ser um território marginal, periférico e distanciado na relação com a cidade de Novo Hamburgo pela sua localização - um território passageiro, transitório, momentâneo.

Estes pertencimentos e estranhamentos até então discutidos, não são constituídos a partir de modos oficiais de se pertencer a um espaço. Existe, sim, um vínculo de pertencimento com o seu espaço, mas este não é, necessariamente, oficial. A categoria “bairro Roselândia” ou “cidade Novo Hamburgo” não diferencia o que faz do espaço um *lugar* ou um *não lugar*.

EM QUE BAIRRO VOCÊ MORA?

Todo este Lugar – bairro, cidade, casa, rua, escola, suas implicações e entrelaçamentos – deve, então, entrar num amplo processo de significação, pois

“Os laços locais são significativamente culturais, demonstram a vida, as forma de fazer as coisas, de tratar a natureza, de construir espaços. Na medida em que não existe esta relação, o lugar passa a não ter significado, a não ter sentido para as pessoas que ali vivem. Acontece uma apatia em relação às coisas do lugar, uma alienação em relação ao espaço em que vivem.” (CALLAI, 2000, p.123).

O bairro Roselândia, nestas circunstâncias, não é reconhecido enquanto um lugar de pertencimento, com o qual se estabelecem vínculos afetivos. Os laços locais e as relações de pertencimento desta comunidade escolar se fazem com lugares específicos e localizados dentro do território do bairro.

Estes lugares seriam as vilas e loteamentos com os quais a comunidade escolar se vincula. Ou seja, ao território espacial do bairro Roselândia não é atribuído um sentido de pertencimento, mas existem, sim, relações nas quais é possível verificar identificação e significação: com as suas vilas e loteamentos, que são espaços menores no território do bairro. Para, mais uma vez, exemplificar tal constatação, a seguir pode-se observar outro gráfico realizado pela autora na mesma turma de 1º ano do gráfico anterior (figura 4). O tema de casa, que antecedeu a confecção do gráfico, propunha que os alunos, com o auxílio dos pais, registrassem no caderno o nome do bairro em que moravam. No outro dia, cada aluno registrou o nome do seu bairro num papel e em seguida foram feitas as devidas intervenções para elaboração do mesmo.

Segue o gráfico:

]



Figura 4 – Gráfico do 1º ano: *Em que bairro você mora?*

A partir deste gráfico, é possível verificar como estes alunos pensam e veem o seu espaço enquanto território e as divisões e sub-divisões existentes no mesmo. Ou seja, a Roselândia, quando citada enquanto sendo o que bairro em que se mora, não o é porque estes alunos dominam os modos de pertencimento oficiais do seu espaço. A Roselândia, naquilo que durante o Artigo foi chamado de “pertencimento inventado”, pressupõe outras instâncias territoriais, relacionadas a determinados espaços dentro do bairro, não necessariamente fazendo referência ao bairro Roselândia de forma oficial.

Em outras palavras, os oito alunos que disseram ser moradores do bairro Roselândia, assim o fizeram por morarem em espaços que circunscrevem a parte central do bairro: as ruas João Alfredo Kraemer e Francisco Alves e suas respectivas ruas laterais. Assim, mesmo aqueles que se dizem moradores do bairro Roselândia, consideram-no parte do território que oficialmente constitui o bairro. Esta configuração – que vincula o ser morador do bairro Roselândia ao residir na parte central do bairro – encontra-se vinculada à história de constituição do bairro Roselândia⁸. Os moradores mais antigos, que residem na área central do bairro, constituem, na perspectiva dos pertencimentos “inventados”, o que se denomina “bairro Roselândia”. O que ocorre, é que com o crescimento do bairro, iniciam-se a formação de vilas e loteamentos em outras áreas. E estes moradores, do que no princípio fora o bairro

⁸ Algumas colocações que seguem neste parágrafo se constituíram a partir de um documento não-oficial, sob o título de “Histórico da comunidade e da escola” (2010), elaborado pela então Coordenadora Pedagógica da escola visando o Projeto Político Pedagógico da mesma.

Roselândia, como num ato de preservação de identidade, atribuem a si este território. Outro fator que acentua esta necessidade de diferenciação é a forma como se constitui o loteamento ou vila Palmares. Diferentemente dos demais micro-territórios difundidos no bairro Roselândia, a vila Palmares é oriunda de famílias que moravam em sub-habitações ao longo da RS-239. Esta vila, em especial, se constituiu de um modo diferente das demais dentro do espaço do bairro Roselândia, por não se tratar de moradores migrantes, mas, sim, de moradores de Novo Hamburgo que são assentados para um novo território.

Assim, o pertencimento é o que acontece quando sentimo-nos contados. E por que surgem, então, estes pertencimentos “inventados”, criando uma diferente narrativa da “oficial”? Porque as micro-histórias, as pequenas memórias dos pedaços de território do bairro Roselândia têm histórias que diferem daquilo que se instituiu enquanto “Roselândia”. A Roselândia não é utilizada enquanto uma referência unitária, mas como apenas mais um pequeno território numa relação de igualdade com as demais vilas e loteamentos. E as relações de afetividade se dão, em grande parte, nestes pequenos círculos territoriais. Ou seja, a Roselândia enquanto bairro é um jeito oficial, formal de se contar e de se falar este espaço. Mas a história produzida nas ruas, nas memórias e nas pequenas circunstâncias deste território micro-dividido é pertencida de significações e é, também, *uma história*, permeada de verdades que lhe conferem tal status.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas últimas palavras, pretende-se brevemente elaborar aquilo que a pesquisa possibilitou que fosse enxergado de formas talvez ainda não pensadas. Mas, primeiramente, é necessário que se esclareça que aqui foi contada uma possibilidade da história do bairro Roselândia e de Novo Hamburgo. Uma história e não a história: “A identidade tem negócios com o artigo definido: o, a. A diferença, em troca, está amasiada com o artigo indefinido: um, uma.” (SILVA, 2002, p.66). E, ao se considerar esta história propositalmente assim contada, é possível que se evidencie, através dos dados analisados, que os modos de pertencer e estranhar estes múltiplos bairros Roselândia estão calcados em problemáticas próprias e que, de fato, confirmam estes modos de ser e estar.

Assim, faz-se necessário que o ensino de História nas Séries Iniciais, pautado no conceito de História Local⁹, permita justamente isso: borrar as aproximações e distanciamentos faltados de significados e que, ao mesmo tempo, possibilite que se experimentem modos de ser e estar Outros. É imprescindível que se conclua falando sobre como, nas realidades do bairro Roselândia, se torna necessário um ensino de História que explore as questões locais. Isso ocorre não por uma emergência para que se reconheça e domine modos de pertencimento oficiais, mas, sim, por uma necessidade de ensino que conte uma multiplicidade de histórias desvinculada de qualquer “verdade oficial”. Um ensino que, por fim, pontue e oportunize a diferença.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia**. Brasília, DF: SEF/MEC, 1997.

CALLAI, Helena C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C. (org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2000.

CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar história**. São Paulo, SP: Scipione, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História**. Belo Horizonte, MG: Dimensão, 2009.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo, SP: Contexto, 2007.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. Porto Alegre, RS: Mediação. 2005.

PEREIRA, Nilton M.; MARQUES, Diego S. **Narrativa do estranhamento: ensino de história entre a identidade e a diferença**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2011. p. 14.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: como pesquisar e escrever textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença: Impertinências. In: **Educação & Sociedade**, São Paulo. v. 23, n. 79, ago. 2002. p. 65-66.

⁹ Ver *Parâmetros Curriculares Nacionais – História e Geografia* (Referências Bibliográficas).